

Línguaafiada: Donana e os saberes ancestrais em “Torto Arado” / *Lenguaafilada: Doñana y saberes ancestrales en “Torto Arado”*

Nádja Nayra Brito Leite *

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – Campus II, Alagoinhas- BA- Brasil. Graduada em Comunicação Social (UCSAL) e especialista em Comunicação Empresarial (JTS). Estuda feminismos e decolonialidade, a partir da crítica literária e da comunicação.

 <http://orcid.org/0000-0001-9793-7446>

*Jailma dos Santos Pedreira Moreira***

Professora Pós-doutora do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – Campus II, Alagoinhas- BA- Brasil. Atua nas seguintes áreas: Literatura, Crítica Cultural e Crítica feminista, considerando diversos feminismos, dentre os quais o de mulheres negras e do campo.

 <https://orcid.org/0000-0002-6201-1499>

Recebido em 30 nov. 2023. **Aprovado** em: 20 mar. 2024.

Como citar este artigo:

LEITE, Nádja Nayra Brito; MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Línguaafiada: Donana e os saberes ancestrais em Torto Arado. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, p. e1296, v. 13, n. 1, 2024. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11178092>

RESUMO

Os meandros temáticos e narrativos do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, desencadeiam diversas possibilidades de estudos acadêmicos, com destaque para o protagonismo feminino. A reflexão inicial deste trabalho concentra-se na importância da personagem Donana e da força da oralidade, da ancestralidade e da memória de afeto para a construção enunciativa da obra e para o encorpar das resistências femininas. Sem desconsiderar as demais mulheres da história, a relação entre as netas Bibiana e Belonisia (protagonistas do romance) e a avó Donana (a matriarca) dão pistas valiosas para desvendar como se constrói o enlace de corpos-vozes femininos e a ancestralidade. Algumas proposições a analisar: como a personagem Donana, entendida como uma mestra de tradição, compõe o fio condutor da história? A construção imagética da personagem Donana ocorre de forma diferenciada na memória afetiva de cada neta? Qual a importância da memória na construção de uma identidade e de uma narrativa coletiva da Fazenda Água Negra, ambiente do livro? Para discutir tais proposições, a metodologia foi construída tendo em vista a leitura e interpretação do romance escolhido, bem como o estudo de um referencial

*

 atendimentonadjaleite@gmail.com

**

 jpedreira@uneb.br

teórico, com base em autoras e autores como Martins (2003), Gonzalez (1984), hooks (2019), entre outros, os quais tratam de temáticas como ancestralidade, oralidade/oralidade, escrivência, etc. Dessa forma, as reflexões produzidas no trabalho direcionam para importantes discussões acerca da representatividade feminina na literatura, que no romance *Torto Arado* é construída por uma profusão de memórias, crenças e saberes ancestrais, importantes para o fortalecimento de uma nova linguagem literária, fora do eixo demarcador colonizador, bem como para uma nova visibilidade-arquitetura do feminino, de mulheres negras, de outros mundos cortados e abertos com elas.
PALAVRAS-CHAVE: Narrativa baiana; Feminismos; Oralidade/oralidade; Ancestralidade; Escrita negra.

RESUMEN

Las complejidades temáticas y narrativas de la novela Torto Arado, de Itamar Vieira Junior, abren varias posibilidades para los estudios académicos, con énfasis en el protagonismo femenino. La reflexión inicial de este trabajo se centra en la importancia del personaje Doñana y la fuerza de la oralidad, la ascendencia y la memoria afectiva para la construcción enunciativa de la obra y para la encarnación de la resistencia femenina. Sin dejar de lado a las otras mujeres de la historia, la relación entre las nietas Bibiana y Belonisia (protagonistas de la novela) y su abuela Doñana (la matriarca) proporciona pistas valiosas para develar cómo se construye el vínculo entre cuerpos-vozes femeninas y ascendencia. Algunas proposiciones a analizar: ¿cómo el personaje Doñana, entendido como maestro de la tradición, constituye el hilo conductor de la historia? ¿La construcción de la imagen del personaje Doñana ocurre de manera diferente en la memoria afectiva de cada nieta? ¿Qué importancia tiene la memoria en la construcción de una identidad y una narrativa colectiva de Fazenda Água Negra, el escenario del libro? Para discutir tales proposiciones, se construyó la metodología con vistas a la lectura e interpretación de la novela elegida, así como al estudio de un marco teórico, basado en autores como Martins (2003), González (1984), hooks (2019), entre otros, que abordan temas como ascendencia, oralidad/oralidade, escritura, etc. De esta manera, las reflexiones producidas en la obra conducen a importantes discusiones sobre la representación femenina en la literatura, que en la novela Torto Arado se construye a partir de una profusión de recuerdos, creencias y conocimientos ancestrales, importantes para el fortalecimiento de un nuevo lenguaje literario, fuera de la sociedad. el eje colonizador demarcación, así como por una nueva visibilidad-arquitectura de lo femenino, de las mujeres negras, de otros mundos cortados y abiertos con ellas.

KEYWORDS: Narrativa bahiana; Feminismos; Oralidad/oralidade; Ascendencia; Escritura negra.

1 Introdução

O romance *Torto Arado* de autoria do geógrafo, doutor em estudos étnicos e africanos pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) e escritor baiano Itamar Viera Junior é um dos maiores sucessos editoriais dos últimos anos, vencedor de grandes honrarias com um respaldo crescente de crítica e público. A história se passa na fictícia fazenda Água Negra, localizada na Chapada Diamantina/Bahia, região que tem a exploração do diamante e a lavoura como atividades econômicas, e conta a passagem da infância à idade adulta de duas irmãs, Bibiana e Belonisia, camponesas negras, descendentes de escravizados. Sem determinar ao certo o período histórico, o autor desenhou um mosaico complexo de memórias diaspóricas que transversa gênero, raça e classe e traz à tona temáticas e abordagens étnico-raciais e sociais como a religião de matriz africana Jarê, a ancestralidade, o direito à terra, a luta dos trabalhadores camponeses, a servidão e a escravidão, contribuindo com o agenciamento de discussões e reflexões sobre símbolos que acenam para o passado e para o presente da nação.

Para desenvolver esse enredo, Vieira Junior (2018) constrói uma narrativa polifônica com três potências femininas: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira (entidade da religião Jarê), responsáveis pela narração em primeira pessoa das partes do livro *Fio de Corte, Torto Arado e Rio de Sangue*, respectivamente. Apesar da presença de figuras masculinas marcantes, como Zeca Chapéu Grande (líder religioso), Severo (trabalhador consciente), ou os algozes Tobias (marido agressivo-passivo de Belonísia), Aparecido (marido agressor de Maria Cabloca) ou Salomão (explorador e dono da fazenda), o autor privilegia o gênero feminino na construção da obra, ressaltando o protagonismo feminino-negro dentro da fazenda Água Negra, microcosmo de uma sociedade patriarcal racista. Para além das protagonistas, *Torto Arado* é tomado de personagens femininas fortes que se relacionam com Bibiana e Belonísia, tais como Donana (avó), Salustiana (mãe), Domingas (irmã), Crispina, Crispiana e Maria Cabloca (vizinhas).

A importância das vozes femininas é fundamental para a elaboração e a manutenção das tradições e da memória familiar e comunitária do local. E neste contexto, a personagem Donana, a matriarca, se destaca pela forma que é revelada na trama e pela complexidade construtiva da mesma. O presente trabalho traz a griô feminina à centralidade e ao foco, e a investigação visa refletir, por meio das enunciações das suas netas e da encantada, sobre a potência da idosa na saga, enfatizando a ancestralidade e a relevância desta para a construção das re-existências das mulheres. Para tanto, contaremos com um aporte teórico sobre feminismos, ancestralidade e memória.

2 Donana na visão de Bibiana (a parteira)

Figura 1: Capa do livro e foto original



Fonte: Compilação da autora com fotos da página da Revista Veja (2021).

A capa mais divulgada do romance *Torto Arado* tem ilustração de Linoca Souza¹ (uma livre criação a partir da fotografia de Giovanni Marrozzini²) representando duas mulheres negras que estão com mãos centrais dadas e nas outras empunham ramos da planta Espada-de-São-Jorge (Figura 1). A simbologia da planta (na ilustração) e da faca (na fotografia) está ligada tanto ao corte, rompimento de um processo, quanto ao enfrentamento. Já as mãos dadas expressam a união das mulheres nesta luta. Este ícone representa bem o fio condutor da história, cuja partida é quando as então crianças, Bibiana e Belonísia, tentando descobrir o que há de secreto na mala de Donana se encantam com o brilho da faca da genearca e cortam a língua de uma delas, tornando-se muda uma das irmã.

Ao percebermos nossa avó se afastar da casa pela lateral do terreiro, nos olhamos em sinal de que o terreno estava livre, para em seguida dizer que era a hora de descobrir o que Donana escondia na mala de couro, em meio as roupas surradas com cheiro de gordura rançosa[...] Quando Donana levantou a cortina que separava o cômodo em que dormia da cozinha, eu já havia retirado a faca do chão e embrulhado de qualquer jeito no tecido empapado, mas não havia conseguido empurrar de volta a mala de couro para debaixo da cama. Vi o olhar assombrado de minha avó, que desabou sua mão grossa na minha cabeça e na de Belonísia. Ouvi Donana perguntar o que estávamos fazendo ali, porque sua mala estava fora do lugar e que sangue era aquele. “Falem”, disse, nos ameaçando arrancar a língua, que estava, mal ela sabia, em uma das nossas mãos. (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 8).

Já no início da primeira parte do livro (*Fio de Corte*), narrada por Bibiana, a personagem Donana é fundamental para o enredo, pois é a mala da matriarca que contém outros elementos além da faca com cabo de marfim, que desperta a curiosidade das netas e impulsiona a travessura trágica que muda para sempre a vida das duas irmãs. E nesta parte, Bibiana, contando a história, apresenta ao leitor as impressões dela sobre a avó. “Minha avó, em particular, só precisava nos olhar com firmeza para sentirmos a pele arrepiar e arder, como se tivéssemos nos aproximado de uma fogueira” (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 8). O respeito dispensado à avó pela neta mais velha é uma mistura de reverência com uma certa dose de medo pela autoridade constitutiva do seio

¹ Linoca Souza é ilustradora e artista visual, bacharel em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Por meio de ilustrações, pinturas, fotografia e performance, a artista cruza temáticas como miscigenação e desigualdades de gênero, social e étnica.

²Giovanni Marrozzini é fotógrafo italiano e a foto em questão faz parte da série *Nuovelle semence* (2010), realizada em Camarões.

familiar. Contudo, Bibiana também constrói a imagem de Donana com orgulho, apresentando-a como uma experiente parteira do local, dona das mãos miúdas, delicadas e potentes:

Quando deixamos o ventre de Salustiana Nicolau – os vivos, os que morreram tempos depois e os natimortos – encontramos primeiro as mãos pequenas de Donana. Foi o primeiro espaço no mundo fora do corpo de Salu que ocupamos. Suas mãos côncavas que muitas vezes vi se encherem de terra, de milho debulhado e feijão catado. Eram mãos pequenas, de unhas aparadas, como deveria ser a mão de uma parteira, dona Tonha dizia. Pequenas, capazes de entrar no ventre de uma mulher para virar com destreza uma criança atravessada, mal encaixada, crianças com os movimentos errados para nascer. (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 16).

Nas comunidades rurais e quilombolas, as parteiras têm papel fundamental para a manutenção da saúde e da memória do local. O parto é um ritual simbólico do universo feminino que une mulheres em torno de um mesmo objetivo: dar à luz a alguém. Aquela à qual a grávida confia a hora do parto e os primeiros momentos da sua *cria* no mundo é digna de respeito e tem uma posição de prestígio na comunidade, como informa Bibiana: “Enquanto Donana vivia e tinha saúde, assumiu a missão com toda deferência que o nascimento de um novo ser poderia ter” (VIEIRA JUNIOR, 2018, p.47). Donana também era uma instrutora que, por meio do conhecimento processual (o saber-fazer), ensinava o ofício de parteira para as mulheres mais novas da comunidade e da família.

[...] minha mãe foi sua ajudante. *Observava os movimentos do corpo, rezas e interditos*; o que poderia e não poderia ser comido, bebido, feito. Aprendia sobre o tempo certo para o banho da criança e da mãe, ou a tesoura nova que ficava guardada esperando o nascimento. Atentava para as provações do resguardo. (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 47, grifo nosso).

O conhecimento adquirido pelas parteiras, especialmente as mais velhas, é transmitido oralmente no contexto familiar e nas redes de relações comunitárias, assim ocorreu com Salu e outras mulheres que aprenderam com Donana. Entre os saberes ancestrais das parteiras estão rezas, orações, palavras, gestos, chás que são usados no ritual do parto, em meio a uma complexidade de situações, desde dificuldades de acesso aos lugares onde residem as parturientes às complicações biológicas e psicológicas que podem ocorrer durante o evento. O aprendizado é feito por meio da observação e da transmissão oral do conhecimento e neste ensino-aprendizagem a performance (corpo, voz, gestos, silêncios) das parteiras mais experientes é a tez do aprendizado das novatas. Como sentencia Martins (2021, p.16), “O corpo em performance restaura, expressa, e, simultaneamente, produz esse conhecimento grafado na

memória do gesto[...] a memória dos saberes dissemina-se por inúmeros atos de performance”. Tomando o parto como um ritual, vale acrescentar que para a estudiosa: “Os ritos transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos e metafísicos, dentre outros, além de procedimentos, técnicas, quer em sua moldura simbólica, quer nos modos de enunciação, nos aparatos e convenções que esculpem sua performance” (MARTINS, 2021, p. 5). Martins (2021) traz também um outro conceito imprescindível para o entendimento da construção da memória na fazenda Água Negra: a oralitura.

Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporiedades se processam. (MARTINS, 2021, p. 41).

Na mistura de performances orais e corporais, as mulheres de *Torto Arado* vão preparando um solo fértil para a construção das suas re-existências, respeitando ritos, crenças, saberes ancestrais, em reverência ao papel das mais velhas na constituição dessa comunidade, conforme ressalta os relatos de Bibiana: “os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos” (VIEIRA JUNIOR, 2018, p.49).

Assim, por intermédio de Bibiana, e das outras narradoras que serão destacadas, vamos observando a importância de Donana para estas mulheres e para a comunidade em que vivia, visto ser esta matriarca que, apenas com seu olhar impunha e solicitava respeito, ao mesmo tempo que, com suas mãos delicadas e potentes, cortava o umbigo das crianças, abria os ventres para que outros nascessem, outras luzes-esperanças vivessem. Para isso tinha todo um arcabouço ancestral, passado por gerações, com saberes aprendidos e repassados pela observação e pela transmissão oral. Transmissão que se repetia em boa parte pela memória dos gestos, pelas performances corporais, nos revelando outros lugares de memórias, de epistemes, de conhecimentos ou ciências.

3 Donana na visão de Belonísia (a curandeira)

Em *Torto Arado*, a voz da sabedoria que corre por meio das oralituras também está presente nas descrições de Belonísia, que já no início do segundo capítulo informa: “Vi as

mulheres da fazenda entoarem suas cantigas com mais força pelos caminhos, enquanto levavam suas roupas para lavar no rio que crescia em volume”. (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 80). Cabe ressaltar ainda que oralitura compreende corpos em movimento, como os das mulheres que lavavam suas roupas em *Torto Arado*, e a vocalidade das cantorias que elas pronunciavam, pois conforme sentença Martins (2003):

O significante oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. (MARTINS, 2003, p. 77).

Nesse sentido, corpo e voz revelam outras gramáticas existenciais, talhadas na lida do cotidiano, pautadas por uma memória de saberes ancestrais, de outras cosmovisões e tradições, que afrontam o literário tradicional verbal e, nos movimentos corporais, sonoros de mulheres, abrem caminhos para pensarmos uma re-existência, uma busca por outras vidas, de antes e de hoje. A cantoria das mulheres narrada por Belonísia faz lembrar também o cancionário popular feminino, com seus cantos de trabalho e de luta. Mais precisamente, a passagem lembra os cantos de trabalhadoras rurais do Movimento Organizado de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, o MMTR, que, como reflete Moreira (2020), são modos de expressão, de fala e reivindicação de mulheres, que aprenderam na lida, em um contexto de negação de direitos, a resistir e reexistir, traduzindo uma força ativa feminina, que canta um outro mundo, uma outra forma de ser, rompendo com as desigualdades, rejeitando um certo domínio opressivo sobre suas subjetividades.

Instigadas pela perspectiva da oralitura, pela potência sinalizada pelas narradoras de *Torto Arado*, pelas lembranças que agenciamos, trazemos também para o diálogo o conceito de *escrevivência*. Cunhado pela romancista, contista, poeta e pesquisadora Conceição Evaristo, este termo traz a manifestação da mulher negra na forma de contar suas histórias, considerando suas vivências e experiências. Nas palavras da própria autora, *escrevivência* reúne um jogo entre as palavras *escrever*, *viver*, *se ver*:

Na verdade, quando eu penso em *escrevivência*, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a *escrevivência*, não, a *escrevivência* é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente[...] ele é muito fundamentado nessa autoria de

mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande. (EVARISTO, 2020 apud SANTANA; ZAPPAROLI, 2020).

Neste contexto, observamos que o propósito é retomar uma tradição que por vezes foi considerada servil, sem potencial político, sem cosmovisão, sem saberes outros e significativos. Nessa linha, percebemos como a cantoria, a oralitura, nas vozes, corpos e gestos dessas mulheres, se entrelaça às suas vivências, às suas reminiscências, a uma tradição, a uma ancestralidade que resiste, vira dispositivo de luta frente a diversas formas de opressão e aniquilação.

Percebemos também que mesmo o autor de *Torto Arado* (Itamar Viera Junior) sendo um homem negro, ele privilegia as histórias de mulheres negras, colocando-as como protagonistas, fazendo reverberar em suas páginas narrativas que ouviu, que bem escutou, guardou e tornou ficção. Ressaltamos nesse movimento significativo do contar e recontar, em sentido ampliado do escrever e do reescrever, em meio às vivências e às ficções, o papel de Donana, pois como relatam as netas: “Donana contava histórias que não tinham fim” (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 21) e eram histórias dos encantados, de três casamentos e da viuvez, dos mistérios da vida da tia Carmelita... Oralitura, escrevivência remetendo diretamente à construção da memória por meio dos saberes ancestrais daquele povoado esquecido dos rincões do Brasil. Saberes ancestrais imprescindíveis para o desvelar das re-existências femininas, pois:

A ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é enigma-mistério e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos. A ancestralidade é um modo de interpretar e produzir a realidade. Por isso a ancestralidade é uma arma política. Ela é um instrumento ideológico (conjunto de representações) que serve para construções políticas e sociais. (OLIVEIRA, 2005, p. 258).

Corroborando a ideia de ancestralidade como arma política e força-motriz das construções sociais, remetemos ao pensamento de Gonzalez (1984), o qual estabelece um jogo dualístico entre consciência e memória, dizendo que a consciência é o lugar da alienação, pois reproduz um discurso ideológico dominante, enquanto que a memória é o lugar da emergência da verdade. “Consciência exclui o que memória inclui” (GONZALEZ, 1984, p. 226). Nos momentos de aflição de Belonísia, a memória afetiva que tinha da sua avó se esboçava com sua força ancestral emaranhada de histórias e revigorava as energias da neta, dando-lhe fortaleza, apontando trilhas para enfrentar o patriarcado e outros sistemas de opressão, que lhe impunham sanções e medos.

“Minha avó surgiu em meus pensamentos com sua brabeza, com seu chapéu grande, com seu punhal com cabo de marfim,” (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 92), dizia Belonísia, rememorando esses ensinamentos corporais subjetivos, que ensinam a ser, enfrentar e viver.

Belonísia, que devido à traquinice infantil, que inicia o livro, tornou-se muda, sentia as palavras ecoarem em sua mente por meio das ancestrais ao passo que também construía a força de resistência, mesmo que magoada e cheia de lembranças traumáticas suas e das demais mulheres.

Mas eu persistia e repetia as palavras mais duras, as que não gostamos de ouvir, para mim mesma[...] Não me furtava a dizer o que faria muitos correrem, temendo a virulência de uma língua. Eram palavras repetidas por minha voz deformada, estranha, carregada de rancor por muitas coisas, e que só fez crescer ao longo dos anos. Agora, com os maus-tratos de Tobias, elas se tornaram mais vis, *eram gritadas por minhas ancestrais, por Donana, por minha mãe, pelas avós que não conheci*, e que chegavam a mim para que as repetisse com o horror de meus sons, e assim ganhassem os contornos tristes e inesquecíveis que me manteriam viva. (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 110-111, grifo nosso).

Como descreve o trecho acima, eram palavras gritadas pelas ancestrais, por Donana e tantas outras mulheres. Palavras que fortaleciam as mulheres frágeis ou fragilizadas diante dos açoitamentos patriarcais-racistas-capitalistas presentes na vida. Contra uma língua que aniquilava povos, mulheres, negras, trabalhadoras rurais, uma língua virulenta de quem sentiu, de outra forma, no peso de um cotidiano, o que seria ser-ter uma língua decepada, assim como sentiu-engendrou o que seria falar de outras formas, reinventando a própria noção de falar que, corporalmente, movida pela força das ancestrais, virava faca amolada a fazer correr quem oprimia.

A neta mais nova, que vai se construindo nos passos ancestrais de Donana, sem esquecer as histórias contadas, performatizadas no corpo que se transforma, quando necessário, em língua virulenta, também apresenta a matriarca como uma das curandeiras do local. Fonte de conhecimento ancestral, assim como as parteiras, as curandeiras também têm destaque na comunidade, pelo seu poder de curar por meio de ervas, raízes e rezas. Misteriosas, enigmáticas e detentoras de conhecimentos sobre processos de cura, as curandeiras podem aprender e ensinar o dom como informa Belonísia: “Donana aprendeu a manejar ervas e raízes para fazer xaropes e remédios para os mais distintos males que acometiam gente de toda origem”. (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p.257)

Esse é mais um conhecimento, muitas vezes protagonizado por mulheres, que tem sido solapado por uma cultura capitalista, pautada no lucro, no imediatismo, que, em junção com o racismo, com o patriarcado, tem atuado em prol de um apagamento, um aniquilamento desse conhecimento, desses sujeitos femininos e negros, de toda uma tradição, uma ciência praticada, guardada, transmitida via oralitura, muitas vezes por mulheres. Conhecimento que tem sido menosprezado, epistemologias, outras formas de vida, que têm sido rejeitadas em prol de uma forma de viver que, na prática (na pele, sentindo no corpo) na forma de respirar e conviver, estamos percebendo-sentindo o quão tem sido nociva, desagregadora, excludente e predatória.

A escritora indígena Eliane Potiguara, em seu livro *A cura da terra* (POTIGUARA, 2015), faz referência ao fato de como temos caminhado para uma autodestruição e como é importante cortarmos uma série fixada como única, para vivenciarmos, escutarmos, contarmos outras histórias, buscarmos uma espécie de cura, outras trilhas, que, por exemplo, essas mulheres têm resgatado, reinventado, nas durezas do cotidiano. Ouvir mais mulheres e suas histórias, como tem traduzido Vieira Junior (2018), nos fazendo refletir: é um gesto que também deve ser multiplicado, provocando em nós uma observação mais atenta, uma escuta mais séria das narrativas, inclusive corporais, das diversas Donanas do cotidiano e das trilhas que elas nos convidam a abrir.

4 Donana na visão de Santa Rita Pescadeira (enfrentamento e coragem)

Além de parteira e curandeira, Donana também era conhecida na localidade pelos seus dons espirituais, apesar de não ter um cargo na religião Jarê. Bibiana ressalta que: “Minha avó transitava como uma entidade viva, quase sobre-humana” (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 49). Interessante notar que Donana renegou a liderança religiosa e passou-a para seu filho Zeca Chapéu Grande. Referência de trabalho para todos que o rodeiam, Zeca Chapéu Grande é o curador de Jarê, mas tem esse cargo como um fardo que a mãe, Donana, recusou-se a carregar. Contudo a progenitora ainda era entendida na comunidade como alguém ligada à espiritualidade, dona de dons especiais, como dizia a neta Bibiana: *entidade viva* ou *velha feiticeira*.

Sobre os rituais afro-brasileiros, como o Jarê, Martins afirma que:

[...]no âmbito dos rituais afro-brasileiros, a palavra poética, cantada e vocalizada, ressoa como efeito de uma linguagem pulsional e mimética do corpo, inscrevendo o sujeito emissor, que a porta, e o receptor, que também a circunscribe, em um determinado circuito de expressão, potência e poder. (MARTINS, 2003, p.5)

A respeito desse circuito expressivo, Santa Rita Pescadeira, referindo-se a Belonísia, relata momentos de intimidade da neta com as outras mulheres da localidade, que aconteciam no ambiente da religião: “Ainda muito pequena, nas noites de Jarê, sentava na sala de casa, no colo de sua avó ou de sua mãe, e cantava o ponto de Santa Bárbara e do Velho Nagô” (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 217).

Vinha da fé de seus pais, não muito diferente da que as avós haviam lhe apresentado. Tudo que sabia tinha maior influência de sua avó materna, *pelo convívio com o mundo dos encantados*, por estar desde muito cedo ao lado de um curador (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 201, grifo nosso).

As irmãs da fazenda Água Negra enaltecem a importância dos mais velhos, especialmente Donana, para a inserção delas no convívio com o mundo dos encantados, para o celebrar e o comungar da vivência simbólica e litúrgica do Jarê. Corroborando a ideia da importância das mulheres para a construção e a memória dos saberes ancestrais, Gonzalez (1984) confirma que as trocas culturais de saberes do povo negro são constantemente transmitidas pelas mulheres negras, por meio do que ela apresenta como *coisas nossas*: o samba, o maracatu, o frevo e o candomblé.

Nessa linha, a pesquisadora de poéticas literárias de mulheres negras afro-brasileiras e africanas, Santiago (2021), também revela como, no contexto dos terreiros, das religiões de matriz africana, as mulheres são os corpos-memórias, visto que são elas as guardiãs de todos ensinamentos, práticas, rituais, conjunto de culturas, saberes-conhecimentos, epistemologias outras que garantem múltiplos *egbés*, ou seja, comunidades, vinculadas a uma sabedoria ancestral, nesse mundo, em nossa sociedade brasileira, marcada por um racismo-patriarcal que se arrasta.

O Jarê, prática religiosa de matriz africana presente exclusivamente na região da Chapada Diamantina e também retratada no livro, é conhecido como o *candomblé dos caboclos*. Durante a narrativa as protagonistas discorrem sobre as casas, as noites, as brincadeiras e as crenças desta religião sincrética. Típica da localidade onde se desenvolve o romance, o Jarê tem origem em meados do século XIX.

Trata-se de uma variante do “candomblé de caboclo”, culto no qual os deuses yorubas ou orixás foram em grande medida assimilados a uma classe genérica de entidades nativas, os caboclos, considerados como índios ou descendentes de índios. Nesse sentido, o Jarê representa uma vertente menos ortodoxa do

candomblé, resultante de um complexo processo de fusão onde à influência dos cultos Bantu-Yoruba sobrepuseram-se elementos do catolicismo rural, da umbanda e do espiritismo kardecista. (ALVES; RABELO, 2009, p. 1).

Na narrativa, o Jarê tem tanta força que o último capítulo é narrado por uma encantada do sexo feminino: Santa Rita Pescadeira. Importante destacar que, por mais uma vez, Vieira Junior (2018) optou pelo protagonismo das vozes femininas, em uma espécie de escuta narrativa, quando escolheu uma encantada personificada na imagem de uma mulher - Santa Rita Pescadeira - para costurar a história e encabeçar o desfecho da narrativa. Itamar Viera Junior trabalhou 15 anos no INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - estando entre comunidades rurais, indígenas e quilombolas e conheceu *in loco* a prática religiosa. Segundo o próprio autor a escolha da encantada para encerrar o romance foi um fato enriquecedor: "Isso para mim foi um achado, porque me deu a possibilidade de trabalhar, de criar dentro dessa personagem, de inventar as coisas que ela diz, que ela vive, as danças que ela pratica no Jarê" (VIEIRA JUNIOR, 2021 apud VALLE, 2021). A encantada Santa Rita Pescadeira traz uma visão sobrenatural que decifra os silenciamentos presentes em toda a história:

Sou uma velha encantada, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca. Atravessei o tempo como se caminhasse sobre as águas de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes. (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 186).

Com essa descrição, a entidade apresenta como está inserida na história do lugar e como conecta as narrativas das outras protagonistas e também rememora os sofrimentos e as lutas passados pelos ancestrais negros das irmãs camponesas. A presença de uma entidade contando o enredo engrandece o tom de valorização dos saberes ancestrais e orais, que é um dos marcos da obra. Santa Rita Pescadeira estabelece presença no imaginário da comunidade de Água Negra com um poder também ancestral, carregado de força simbólica. Importante ressaltar que a entidade que narra o ato final do livro (*Rio de Sangue*), é responsável direta pela construção do desfecho da obra, que traz um evento forte e decisivo, que metaforiza o embate direto do povo negro subalternizado e do sujeito que está no papel de dominador. Pode-se dizer, então, que a encantada não é apenas a manifestação da crença, mas também a materialização da manifestação da resistência do povo de *Torto Arado*, aglomerando ancestralidade, presente e

futuro. Santa Rita Pescadeira, enaltecendo a coragem da mulher que protagoniza o ato decisivo do romance, sentencia:

Seu nome era coragem. Era da linhagem de Donana, a mulher que pariu no canavial, que ergueu casa e roça com a força de seu corpo. A mulher que sentiu as dores do parto e deitou em silêncio, mordendo os lábios para parir mais um filho. A que enterrou dois maridos, e só não enterrou o último por que o sangrou como se sangra uma caça. Foi cavalgando seu corpo que senti que o passado nunca nos abandona. Belonísia era a fúria que havia cruzado o tempo. Era filha da gente forte que atravessou um oceano, que foi separada de sua terra, que deixou para trás sonhos e forjou no desterro uma vida nova e iluminada. Gente que atravessou tudo suportando a crueldade que lhes foi imposta (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 230, grifo nosso).

Observa-se que Santa Rita Pescadeira, na transcrição, reverencia a força de Donana descrevendo, de forma sucinta mas precisa, os marcos da vida da matriarca. Ela também reforça a importância da avó como parte construtiva peremptória do ímpeto de re-existência da neta Belonísia, cuja fúria foi irrefutável para o desenrolar da trama. Este trecho é categórico para o entendimento de como se constrói a memória do povo de Água Negra e de como Belonísia representa passado e presente como uma fúria cortante e decisiva para o desfecho da história, ancorada na força ancestral de Donana. O cruzamento com o passado remete ao pensamento de Machado (2011) sobre ancestralidade como raiz sentimental:

A ancestralidade é uma raiz sentimental, que recria, atualizando-se na universalidade, a partir de um contexto, manifestando-se nos costumes e tradições, com grande aporte na memória grupal e individual, suas manifestações materiais e imateriais, especialmente no seu fortalecimento pela identidade e preservação, integração, sua cultura. (MACHADO, 2011, p. 206).

Após o movimento de Belonísia, construído e relatado por Santa Rita Pescadeira, com certeza, a memória de Água Negra não será a mesma, pois foi atravessada por um gesto individual que reflete uma consciência grupal de todo um povo que sofreu, por décadas, em mãos dominadoras. Além de ser um ato que conecta manifestação material e imaterial, o real e o fantástico, o natural e o sobrenatural como parte dos costumes e tradições daquele povo. Por um lado complementar, pode-se dizer que Belonísia incorpora um inconsciente coletivo, entendendo este como um reservatório de imagens latentes, chamadas de primordiais, que é herdado dos ancestrais, no qual o indivíduo recebe uma predisposição para reagir ao mundo da forma que seus ancestrais faziam, mesmo que de forma inconsciente. Sobre isto, hooks informa:

Falar sobre reconhecimento ancestral dentro das tradições africanas é uma maneira de falar sobre como aprendemos com os povos que podemos nunca ter conhecido, mas que vivem em nós novamente. Nas tradições ocidentais, fala-se sobre esse mesmo processo como inconsciente coletivo, os meios pelos quais herdamos a sabedoria e as maneiras de nossos ancestrais. (hooks, 2019, p. 299).

As mulheres de *Torto Arado* herdaram a forma de agir de suas ancestrais, conforme já citadas as enunciações de Bibiana e Belonísia, que mostram como a ancestralidade e o inconsciente coletivo ganham expressão em suas vidas. Palavras, portanto, que revelavam os passos dados por essas mulheres hoje, na trama narrativa, mas que vem de longe, atravessando mares, rios bravios, temporalidades, gerando, por conseguinte, entre mulheres, em uma comunidade, um circuito de expressão, potência e poder. Santa Rita Pescadeira, materializando o enfrentamento e a coragem, encarnado-repassado por uma linhagem feminina, uma linhagem de Donana, retoma o fio da narrativa para fechá-la, abrindo-a para outras consciências coletivas-grupais, insufladas pela força da ancestralidade, pelos corpos-memórias dessas mulheres.

Considerações finais

Como pudemos perceber, na construção do livro, a relação entre as netas Bibiana e Belonísia e a avó Donana é fundamental para o enlace de corpos-vozes femininos e a ancestralidade. A personagem Donana, entendida como uma mestra negra de tradição, é peça decisiva para a condução da história, pois a faca que inicia o livro e está presente em momentos marcantes do enredo pertencem à avó, tendo um papel simbólico fundamental. A faca é o corte, é o sangrar de corpos, é o podar dos desejos, é o decepar da língua (o silenciamento) mas também é o enfrentamento e a construção da re-existência feminina que, na trincheira com o dominador, de forma grupal, representa o levante de um povo historicamente subalternizado.

Donana é a parteira, a curandeira, a entidade viva, desempenhando papel imprescindível na edificação da memória da comunidade de Água Negra e o porvir a partir dela. Vale observar que a construção imagética da personagem Donana ocorre de forma diferenciada na memória afetiva de cada neta. Enquanto Bibiana referencia a matriarca falando de suas mãos sutis e pequenas de parteira, ainda que destaque seu olhar que arrepia e arde, Belonísia enaltece mais a força e a coragem da voz-curandeira-mulher. Entretanto, sem dúvida, a avó é parte constituinte

da formação da resistência de ambas as netas, engendrando e sendo engendrada por uma linhagem que permanece viva-encantada em Pescadeira e sobre outras, como resíduo mnemônico e sinais de ancestralidade.

As cantigas, os ritos, as rezas, as encantadas: *Torto Arado* é tomado de elementos que remetem aos saberes ancestrais e, muitas vezes, os momentos são narrados por mulheres numa profusão de escrevivências. Os corpos em movimento e as vozes em oralituras inspiram tradições e crenças que são passadas de mães para filhas em um círculo de pertencimento. Há uma dimensão feminina, presente nos relatos e enunciações, inclusive da encantada Santa Rita Pescadeira, que pode ser vista como formas de conhecimento, antigas experiências, tornando-se portadora de consciência histórica de lutas.

Mesmo havendo na trama lugares e posições ainda intocáveis no cenário conservador, patriarcal e hierarquizado dos rincões do país, a polifonia e o entrelace de discursos femininos apontam para histórias que podem ser reescritas por meio de narrações e testemunhos ficcionais, constituindo-se emergências de discursos historicamente interrompidos. É importante pontuar o poder decolonial do romance *Torto Arado*, cuja narrativa é construída por uma profusão de memórias, crenças e saberes ancestrais, importantes para o fortalecimento de uma nova linguagem literária fora do eixo demarcador colonizador.

São histórias femininas que aram a terra-narrativa, abrindo espaços para outras existências, outros modos de ser e estar em grupo, na sociedade. Histórias femininas que trazem saberes ancestrais que nos levam a refletir sobre quem fomos, quem somos e quem podemos ser, a partir de escrevivências de povos subalternizados, não ouvidos, explorados e assassinados, impedidos de viver dignamente ainda hoje. Histórias que nos levam a pensar no poder feminino, no poder ancestral, poder da faca-língua virulenta que corta e pode cortar. Por fim, uma narrativa-vida em prol de outras histórias, não ouvidas, não consideradas, nos chamando para o enfrentamento e para outras possibilidades, mais equitativas e saudáveis.

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: LEITE, Nádja Nayra Brito.

Recursos, Supervisão, Validação, Escrita - revisão e edição: MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira.

Referências

ALVES, Paulo César; MÍRIAM Cristina Rabelo. O Jarê – Religião e Terapia no Candomblé de Caboclo. In: V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-BA, p. 1-16.

CAPUANO, Amanda. 'Torto Arado' desbanca autoajuda e é o livro mais vendido do ano na Amazon. Revista Veja. 28 dez. 2021. Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/torto-arado-desbanca-autoajuda-e-e-o-livro-mais-vendido-do-ano-na-amazon>. Acesso: 17 fev. 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.

hooks, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução: Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. Linguagem e identidade africana / afro-brasileira. *Fólio – Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 201-219, jul./dez. 2011.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, v. 26, p. 63–81, 2003. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>.

MARTINS, Leda Maria. *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. A força ativa Maria Bonita no movimento de reescrita de si de mulheres nordestinas. In: LIMA, Caroline de Araújo; BRITTO, Clovis Carvalho; MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira (Org.). *Outros olhares sobre o sertão nordestino: gênero, masculinidades e subjetividades*. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 155-184.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. POTIGUARA, Eliane. *A Cura da Terra*. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Conceição Evaristo: a escrevivência serve também para as pessoas pensarem. *Itausocial*. Publicado em: 09 nov.2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as- pessoas-pensarem/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SANTIAGO, Ana Rita. Mulheres de axé: memórias e resistências. In: CANAL, Jordi; CORREIA, Luciana Oliveira; SANTOS Osmar Moreira dos (Org.). *Bahia Contemporânea: sob o crivo das tradições fortes*. Campinas: Mercado das letras, 2021, v. 1, p. 76-90.

VALLE, Eduardo. A história que 'Torto Arado' não contou. *GQGlobo*. Publicado em: 06 fev.2021. Disponível em: <https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2021/02/historia-que-torto-arado-nao-contou.html>. Acesso em: 17 fev. 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. Portugal: Grupo Leya, 2018.